

# Desemprego sobe para 20,6% em São Paulo

**Índice volta ao nível recorde de 1985, com 2.030 desocupados em um mês**

**São Paulo** - No mês de setembro, a taxa de desemprego total aumentou pelo segundo mês consecutivo, passando de 20,0% em agosto, para os atuais 20,6% da População Economicamente Ativa (PEA), nível idêntico ao registrado nos meses de abril e maio deste ano e que corresponde ao mais elevado desde

1985. Esse desempenho desfavorável da taxa de desemprego (+3,0%), embora atípico para o período, também ocorreu em setembro de 2002, quando esse indicador apresentou elevação de 3,3%.

No mês em análise, estimou-se que 2.030 mil pessoas estavam desempregadas na região. Houve aumento da taxas de desemprego aberto na região metropolitana de São Paulo, que passou de 12,9% para 13,2%, e de desemprego oculto pelo trabalho precário, que passou de 5,1% para 5,3%, enquanto a taxa de desemprego oculto pelo desalento permaneceu inalterada em 2,0%.

A eliminação de 49 mil ocupações e a simultânea incorporação de 12 mil pessoas na PEA explicam o acréscimo de 61 mil pessoas no contingente de desempregados de setembro, que foi estimado em 2.030 mil pessoas. O nível de ocupação decresceu 0,6%, em razão do desempenho negativo no Comércio (24 mil ocupações), nos Serviços (18 mil ocupações) e na Indústria (nove mil empregos).

## Impacto

Destaca-se ainda que esse efeito negativo atingiu mais intensamente os trabalhadores autônomos (34 mil pessoas) e os assalariados do setor priva-

do com carteira de trabalho assinada (20 mil pessoas).

Já o rendimento médio dos trabalhadores em agosto caiu 6,6% em relação ao mesmo mês do ano passado. Segundo pesquisa Seade/Dieese, em agosto o rendimento médio da região correspondia a R\$ 910.

Na comparação com o mês anterior, quando o rendimento médio correspondia a R\$ 897, houve uma alta de 1,4%. A redução foi mais intensa para os trabalhadores autônomos, cujo salário médio caiu de R\$ 716 em agosto de 2002 para R\$ 610 em agosto de 2003, um recuo de 14,8%. (AE)

## Trabalho informal cresce muito

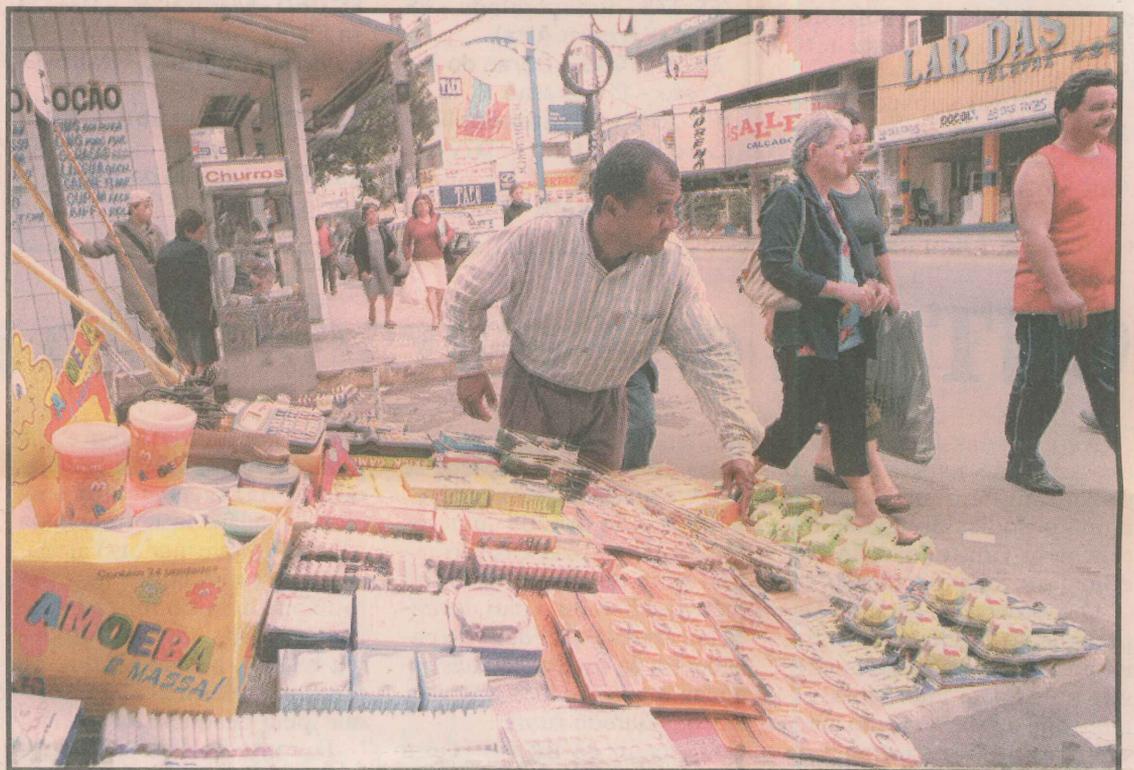
**Rio** - O mercado formal começa a apontar sinais de extinção no país. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que todas as vagas de trabalho geradas nas seis principais regiões metropolitanas em setembro deste ano, na comparação com dezembro do ano passado, são informais.

Levando-se em conta os dois meses para comparações do mercado de trabalho no Governo Lula, a conclusão é que o número de trabalhadores com carteira assinada foi reduzido em 209 mil pessoas em setembro (8,151 milhões) ante dezembro de 2002 (8,359 milhões) nas seis regiões.

Em contrapartida, o aumento de 624 mil pessoas ocupadas em setembro, ante dezembro do ano passado, ocorreu integralmente no mercado informal. Em setembro, havia 4,16 milhões de trabalhadores sem carteira assinada no país, ou 378 mil pessoas a mais do que em dezembro do ano passado (3,78 milhões).

### Conta própria

Houve aumento significativo também nos trabalhadores por conta própria (camelôs ou profissionais liberais sem empregados, por exemplo). Em dezembro do ano passado, eram 3,53 milhões de ocupados por conta própria. Em setembro deste ano, esse número foi acrescido em 290 mil pessoas, pa-



Helô Sant'Ana - 17/7/2003

### Mercado

Pesquisa mostra que houve aumento significativo também nos trabalhadores por conta própria, como os camelôs: agora eles são 3,82 milhões

ra 3,82 milhões de pessoas.

O rendimento dos trabalhadores também registrou queda, e atingiu média de R\$ 834,20 em setembro, 11% menor do que os R\$ 937,52 de dezembro. Ou seja, R\$ 103 foram engolidos da renda dos ocupados nas seis regiões em setembro, na comparação com os ganhos do final do ano passado. Os dados de dezembro, nesse caso, não incluem as gratificações de final de ano.

O professor do Ibmec Ruy Quintans avalia que o aumen-

to da informalidade tende a prosseguir e se deve a dois fatores principais: o momento conjuntural de desaquecimento da economia e um movimento estrutural de redução do emprego formal em todo o mundo. "O futuro é do trabalho, não do emprego", acredita Quintans.

Segundo ele, no Brasil a questão da informalidade se agrava por causa da legislação trabalhista "paternalista" e que desestimula contratações com carteira assinada

pelas empresas. Além disso, prossegue, os esforços dos empresários para manter a margem de ganhos apesar da queda do consumo incluem as contratações informais.

Os dados do Ministério do Trabalho, entretanto, conflitam com os do IBGE e mostram um mercado formal em expansão. Segundo as últimas estatísticas divulgadas pelo ministério, também relativas a setembro, foram criados 161.765 empregos com carteira assinada no mês. (AE)

Instituto Jones dos Santos Neves Biblioteca